ISCTE IUL
REPOSITÓRIO
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:
2026-10-01

Deposited version:
Accepted Version

Peer-review status of attached file:
Peer-reviewed

Citation for published item:
Gonçalves, A. (2025). Três pontos a propósito de cultura e sustentabilidade. In José Irivaldo Alves Oliveira Silva, Ângela Maria Cavalcanti Ramalho e Cristiane Mansur de Moraes Souza (Ed.), Clima, recursos hídricos e planejamento (pp. 19?22). EDUEPB. https://doi.org/10.5281/zenodo.16812265

Further information on publisher's website:
10.5281/zenodo.16812265

Publisher's copyright statement:
This is the peer reviewed version of the following article: Gonçalves, A. (2025). Três pontos a propósito de cultura e sustentabilidade. In José Irivaldo Alves Oliveira Silva, Ângela Maria Cavalcanti Ramalho e Cristiane Mansur de Moraes Souza (Ed.), Clima, recursos hídricos e planejamento (pp. 19?22). EDUEPB. https://doi.org/10.5281/zenodo.16812265, which has been published in final form at https://dx.doi.org/10.5281/zenodo.16812265. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0
The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Serviços de Informação e Documentação, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
Av. das Forças Armadas, Edifício II, 1649-026 Lisboa Portugal
Phone: +(351) 217 903 024 | e-mail: administrador.repositorio@iscte-iul.pt
https://repositorio.iscte-iul.pt

TRÊS PONTOS A PROPÓSITO DE CULTURA E SUSTENTABILIDADE

Ana Gonçalves[2]

[2] Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Email: ana.goncalves@iscte-iul.pt

1. Pontos de contacto

Ao longo das últimas décadas, cultura e sustentabilidade tornaram-se tópicos que constantemente surgem articulados. O mais das vezes, no entanto, tem servido para assinalar o facto de serem conceitos altamente disputados, espúrios e escorregadios, difíceis de definir, mas para os quais não se encontram bons substitutos. Em qualquer dos casos, metaforicamente, de cada vez que se lança a rede em direção a estas categorias não se sabe ao certo o que trará.

É por isso que vale a pena conferir alguns dos lugares-comuns acerca do que é a cultura e do que é a sustentabilidade. De modo sumário, poder-se-ia dizer que a cultura diz respeito às dimensões simbólico-expressivas da vida social, daí que sirva de ponteiro para indicar um certo estado de coisas. Em debates recentes, tornou-se corrente desdobrar a noção. Num sentido restrito — mais habitual nas humanidades —, toma a forma de realizações, por assim dizer, o que inclui tanto as atividades criativas quanto os artefactos culturais por elas produzidos. Numa aceção panorâmica — que deriva da antropologia —, o conceito de cultura pressupõe uma identidade vinculada a uma forma de ser, agir, pensar e exprimir que, por sua vez, tem um certo enquadramento situacional e surge incorporada nos indivíduos. Pressupõe-se assim que a cultura é o que nos singulariza a nós mesmos, nos aproxima dos nossos semelhantes e nos desiguala dos demais. Decorre daqui que seja cada vez mais comum o termo surgir grafado no plural, referindo-se a todo o espectro (segmentado e estratificado) de recursos ideacionais e simbólicos a partir dos quais as pessoas constroem, interpretam e projetam visões do mundo que as rodeia. Ora, esta conceção mais holística tem contribuído para que o cultural seja considerado como pouco mais do que um subterfúgio do social.

Entretanto ganhou força a ideia de que a sustentabilidade designa a busca por um futuro viável, com vista a neutralizar os efeitos da devastação ambiental em curso, sem declinar a nossa responsabilidade intergeracional. Conforme aponta Tim Ingold (2024), o conceito encerra em si mesmo um aparente paradoxo: tentar contornar a desanimadora ideia de limite (sobretudo ecológico) com a possibilidade de se continuar a imaginar o futuro. Sendo um horizonte ético orientado pela longa duração, é frequente esbarrar em necessidades e aspirações que permanecem substancialmente moldadas no curto prazo. De facto, o termo é, hoje em dia, sobretudo um cliché omnipresente em discursos de interesses divergentes ou mesmo antagónicos (e não apenas em matéria ambiental) , o que, para complicar tudo, tende a favorecer uma certa inércia e a não ser muito entusiasmante para se conseguir uma mobilização geral.

[3]Noutros termos, embora os campos de produção cultural mantenham uma certa autonomia, estabelecem uma relação "em espelho" ou "em eco" (com muitas aspas) com a realidade social.

[4]Ver sobre esta questão, por exemplo, Reed e Alexander, 2006.

2. Pontos críticos

Talvez a melhor ilustração de que a esfera da produção cultural tem tido uma influência diminuída ou frouxa no amplo debate da sustentabilidade é o tratamento a que tem sido deliberadamente votada. Convém lembrar que a cultura e as artes vêm sendo habitualmente relegadas para segundo plano, o que à partida neutraliza o seu potencial de alarme e condena as suas intervenções à ineficácia. O que parece difícil de justificar, porque a cultura é tanto parte do problema, quanto da solução. Basta lembrar que os valores, as atitudes, as crenças hoje prevalecentes permanecem fundamentalmente incompatíveis com os princípios da sustentabilidade. Ora, nestes termos, a cultura encontra-se necessariamente na raiz do problema. Para se escapar ao atual estado de coisas e se aspirar a um horizonte mais sustentável, dever-se-á ao mesmo tempo defender uma mudança cultural.

3. Pontos virtuosos

Daí que se torna premente que a cultura se imponha, a pouco e pouco, como uma componente-chave da sustentabilidade por direito próprio. Até porque um outro aspeto relevante é que a arte é essencial para destacar as imperfeições do nosso mundo, perturbar suposições tidas como certas e encorajar-nos a considerar novas perspetivas. Uma vez acessível ao público, a arte pode chamar a atenção para as questões mais controversas e urgentes e catalisar conversas em torno de representações utópicas ou distópicas de cenários futuros.

4. Reticências

Por fim, a tarefa de consolidar estes breves considerandos em vias de investigação e em trabalhos empíricos valiosos está agora à nossa frente.

Com base num estudo de caso realizado, durante a pandemia da Covid-19, na Quinta do Pisão, um parque de natureza, situado nos arredores de Cascais, uma vila costeira a ocidente de Lisboa, em Portugal (Gonçalves, 2024), poder-se-á afirmar que as obras de arte cobrem atualmente uma série de tópicos ambientais, desde as catástrofes naturais às alterações climáticas, e nos vêm ajudando a lidar com a precariedade de cenários próximos e distantes. Destacam-se, em particular, três intervenções artísticas ao ar livre, que fazem parte do movimento artístico conhecido como land art ou arte ambiental, para ilustrar a designada viragem ecológica nas artes.

[5] Por exemplo, Tim Ingold (2024) admite que, para muitos, a noção de sustentabilidade possa ter sido desvalorizada pelo uso excessivo e comprometida pelo aproveitamento exercido por interesses poderosos cuja preocupação primordial tem sido a sua própria sobrevivência num mundo de crescente competição pelos recursos planetários.

5. Referências bibliográficas

Gonçalves, Ana. 2024. «When culture meets sustainability». In Conference Proceedings International Conference Socioecos 2024: Climate Change, Sustainability and Socio-ecological Practices, orgs. Benjamín Tejerina, Cristina Miranda de Almeida, Clara Acuña. Bilbau: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, pp. 719-731.

Ingold, Tim. 2024. «How to imagine a sustainable world». Acta Borealia, 41(1), pp. 7-15.

Reed, Isaac, Jeffrey Alexander. 2006. «Culture». The Cambridge Dictionary of Sociology, Ed. Bryan S. Turner. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 111-117.